

Ação e experimentação: o caso da Fundação Casa Grande

Lúcia Maciel Barbosa de OLIVEIRA¹

RESUMO: A centralidade da cultura na formulação de políticas públicas é fundamental para a promoção de novas formas de cidadania, para a constituição de indivíduos críticos, da convivência da diversidade e da participação de parcelas excluídas da população. A política cultural só pode ser pensada hoje enquanto ação coletiva, criada e implementada com a participação ativa dos indivíduos. A experiência inovadora da Fundação Casa Grande, situada na cidade de Nova Olinda, Sertão do Cariri, Ceará, será tomada como emblema de uma nova forma de ação da sociedade civil que por meio da cultura busca a ampliação da autonomia e da liberdade individual que, na vertente do pensamento do economista Amartya Sen, são definidoras do desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ação cultural. Cultura. Desenvolvimento. Sociedade civil.

Action and experimentation: the Fundação Casa Grande's issue

ABSTRACT: The culture centrality on the formulation of public policies is the cornerstone to the promotion of new citizenship forms, to the constitution of critic individuals, to the diversity cohabitation and to the participation of excluded portions of the population. The cultural policy can only be thought today as a collective action, created and implemented with individuals' active participation. The Fundação Casa Grande's innovative experience at the Nova Olinda city, in the Cariri's Sertão, Ceara, will be taken as an emblem of a new civil society way of action, which, through culture, seeks autonomy and individual freedom enlargement, which are, in the economist Amartya Sen thought, development definers.

KEYWORDS: Cultural action. Culture. Development. Civil society.

¹ Professora Doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Prédio Principal, Cidade Universitária, São Paulo – SP. CEP 05508-020. E-mail: lumaneio@ajato.com.br.



Foto 1- Fachada da Fundação Casa Grande

Fonte: Arquivo particular do autor: Marcelo Manéo de Oliveira.

Da experiência

Nova Olinda, pequena cidade situada no Sertão do Cariri, Ceará. Poderia ser apenas mais uma pequena cidade entre tantas espalhadas pelo território brasileiro. A diferenciá-la a Fundação Casa Grande, espaço aberto para o encontro e a convivência, a discussão e a criação, o que a torna uma experiência singular de ação cultural em seu sentido mais amplo.

Criada oficialmente em 1992 por dois moradores da região – Francisco Alemberg e Rosiane Limaverde -, as atividades e espaços da Fundação foram crescendo ao longo dos dezessete anos de existência, intervindo de maneira efetiva nas condições que geram cultura a partir de uma relação orgânica com seus participantes, em que a oferta de diferentes atividades e experimentações possibilita que os sujeitos pensem com liberdade e autonomia. Tal ação cria oportunidades para o uso dos recursos pessoais em seu potencial mais amplo, como modo de expressão e inteligência do mundo. Não é através da cultura que se amplia a capacidade de lidar com o mundo, compreendê-lo e agir para transformá-lo? Essa percepção embasa as diferentes ações da casa: rádio, teatro, música, editora, jornal, pesquisas arqueológicas, espaços de convivência, memorial e conservação do patrimônio da cidade. Alemberg e Rosiane incitaram e deflagraram um processo de ação cultural baseado em três pontos: ação, reflexão e criação.

A casa é inteiramente gerida pelos jovens e crianças: Rosiane e Alemberg moram em Crato, cidade situada a quarenta quilômetros de Nova Olinda. As dezesseis horas diárias de programação da rádio são feitas pelos jovens e crianças, bem como a limpeza, conservação, atendimento e outras atividades. O espaço funciona 24 horas por dia, sete dias por semana. A casa pertence à cidade, efetivamente. Mais do que um espaço de cultura, deseja ser um laboratório de convivência social.

Nova Olinda está situada a 540 quilômetros de Fortaleza, e sua população é de aproximadamente 12 mil pessoas, sendo que 3 mil estão na área urbana. Segundo dados constantes do portal da instituição, no ano de 2008 foram atendidas 25.110 pessoas, número significativo para uma fundação situada em uma pequena cidade distante da capital, sendo: 9.094 no museu; 5.554 nos espetáculos; 3.415 no parquinho; 1.774 no cinema; 1.546 na biblioteca; 1.446 na gibiteca; 1360 na dvdteca e 885 na internet.

O portal da Fundação traz muitos dados sobre a instituição e sua ação, mostrando de maneira bastante transparente a forma de gestão, o que é coerente com suas propostas e permite, de fato, que haja um controle por parte da população, prática nem sempre presente em instituições culturais, mesmo as que se utilizam de verba pública, de maneira direta ou através das leis de incentivo fiscal.

A existência da Fundação atraiu um número crescente de turistas, o que gerou a necessidade de sistematizar as ações nessa área, que passou a fazer parte formalmente dos programas da instituição. A Coopagran, uma cooperativa criada pela Fundação com os pais das crianças participantes do projeto, é responsável pelo oferecimento de acomodações e outros elementos estruturais para viabilizar a afluência de turistas à cidade. Meninos e meninas são formados como recepcionistas, guias de campo e relações públicas. O conceito de “turismo de conteúdo” foi desenvolvido de forma a permitir que o turista possa participar de maneira efetiva do acervo e atividades desenvolvidas nos laboratórios de produção, interagindo com as ações da casa, não como visitante em trânsito apenas.

Os programas propostos inscrevem-se nas esferas da memória, das artes, da comunicação e do turismo.

O núcleo inicial da Fundação foi instalado na mais antiga construção da cidade, que pertencia ao avô de Alemberg. Lá foi montado o Museu do Homem Kariri, cujo acervo é composto por material mitológico e arqueológico da Chapada do Araripe. Com o crescimento do projeto, foi incorporado em 1998 o prédio da mais antiga escola da cidade, Educandário, que passou a ser denominada Escola de Comunicação da Meninada do Sertão. Em 2002, foi inaugurado o Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas, espaço multiuso

especialmente construído para abrigar shows, concertos, espetáculos teatrais, cinema, formação de platéia e outras atividades.

Os diferentes projetos da fundação baseiam-se na criação. Dessa forma, têm biblioteca, mas também uma editora para permitir experimentações nas áreas de desenho gráfico, jornal, produção gráfica, quadrinhos e material promocional. Há gibiteca, cdteca, dvteca, salas de informática. Notícias, resenhas de filmes e livros, poemas e ilustrações preenchem as páginas do jornal.

Além da editora, possui TV e rádio comunitária, onde as crianças e jovens podem aprender a linguagem dos diferentes meios de comunicação. A Rádio Casa Grande FM utiliza o vasto acervo da CDteca. Esse projeto foi levado pela Unicef para Angola e Moçambique, países que contam hoje com 31 rádios inspiradas no programa De criança para criança, que, como o nome já diz, é feito por crianças para outras crianças. A TV funcionou durante um período e foi lacrada pela Anatel em 2000. Hoje funciona como estúdio de produção de vídeos, curtas-metragens e documentários exibidos em canais de televisão comercial e espaços culturais alternativos. Antes das sessões de cinema e dos espetáculos apresentados no Teatro, é exibida a série documental 100 Canal, produzida semanalmente. O nome é uma brincadeira alusiva ao fechamento da TV comunitária pela agência pública. A equipe de produção é formada por crianças e jovens que recebem formação nas áreas de gestão, produção, iluminação, câmera e edição.

A música tem oficinas muito frequentadas, interage com a rádio, e já gerou grupos premiados, como Os cabinha², um dos vencedores do Programa Rumos Itaú Cultural. A banda de lata é formada por meninos com idade entre 9 e 11 anos. Os instrumentos de madeira e lata são confeccionados artesanalmente e nos shows os meninos simulam o som dos instrumentos com a boca. Já tocaram em vários lugares do Brasil ao lado de artistas como Arnaldo Antunes, Zeca Baleiro e Lobão. A outra banda, Os Meninos da Casa Grande, toca pelo Brasil afora e já fez apresentações na Europa. Uma premiação como a do “Rumos” é significativa da qualidade que as ações da Fundação têm alcançado, refletindo a opção por uma ação cultural ancorada não na fruição pura e simples da cultura, mas na perspectiva de criação e reflexão. Outra questão fundamental é a interação com outras regiões do país e do mundo, mais do que necessária para a ampliação dos horizontes individuais e coletivos, facilitada pelas tecnologias da comunicação e informação. Como assinala Jesús Martín-Barbero (2002, p.2):

² Link para assistir ao vídeo no You Tube: [os_cabinha.mht](#)

El lugar de la cultura en la sociedad cambia cuando la mediación tecnológica de la comunicación deja de ser meramente instrumental para espesarse, densificarse y convertirse en estructural. Pues la tecnología remite hoy no a la novedad de unos aparatos sino a nuevos modos de percepción y de lenguaje, a nuevas sensibilidades y escrituras.

O barateamento dos equipamentos facilita seu acesso e a possibilidade de que mais pessoas sejam produtoras e não apenas receptoras de produtos culturais. A difusão e o intercâmbio de conteúdos culturais via internet é outra mudança substancial que amplia o raio de ação de indivíduos e grupos, mesmo aqueles situados nos lugares mais recônditos do planeta. A ação da Fundação Casa Grande circunscreve-se nessa nova dimensão aberta pela tecnologia: não se circunscreve ao espaço local, mas o local é fortalecido pela interação global. A inclusão digital é uma perspectiva chave na ação da Fundação, não assumida como eixo temático, mas que abre amplas perspectivas para os sujeitos, sobretudo por estarem localizados em uma região distante dos grandes centros. As políticas culturais de proximidade, ou seja, as que ocorrem na esfera próxima do indivíduo, permitindo sua participação ativa e viabilizando tal participação, é um conceito bastante interessante para pensar ações como a da Casa Grande. Segundo Liliana Sousa e Silva (2007, p.110):

As políticas culturais de proximidade são aquelas que têm o bairro como referência principal e que buscam recuperar a proximidade com os problemas cotidianos dos cidadãos, com vistas à participação ativa na vida cultural da cidade. Assim, a ação cultural de proximidade envolve uma dimensão participativa nas experiências que, no âmbito das artes, se estabelece por meio de uma aproximação com a criação artística, buscando uma interação e um trabalho compartilhado entre artistas e públicos, que podem participar nas várias etapas dos projetos, em uma experiência na qual se destaca mais o valor do processo criativo do que o resultado final, seja ele em forma de exibição, exposição ou representação. Outra característica é sua dimensão reivindicativa e mobilizadora, sendo que a intervenção cultural assume um viés mais político, como estratégia de transformação social, por meio do fomento ao diálogo intercultural, de propostas artísticas de inclusão social, da defesa do patrimônio cultural e da memória histórica, ou ainda, de reivindicação de determinados usos do espaço urbano.

Há um projeto de oficinas de restauro que interage com as casas da região, recuperando suas fachadas e envolvendo os moradores da cidade. A ideia de patrimônio não parece ser a de mera preservação de um passado intocado ou de resgate de uma tradição a-histórica, descontextualizada. A Fundação criou um canal de irrigação que se espalha por toda a cidade através de uma relação orgânica com seus moradores, ampliando os horizontes culturais e a capacidade de redesenhar a vida cotidiana e a esfera pública.

O espaço da Casa reflete a idéia de que a cultura inscreve-se na esfera do desejo, não apenas da necessidade ou da utilidade, o que, em outras palavras, significa que não é instrumentalizada ou domesticada com vistas a servir como meio para fins pré-estabelecidos. A cultura é um fim em si, e não um meio para fins outros como tem sido utilizada de maneira indiscriminada hoje, quando se espera que a cultura venha resolver questões amplas como a violência, a distribuição de renda, a inclusão social, como demonstram inúmeras iniciativas de grupos, comunidades, organizações do terceiro setor, além de políticas públicas.

A Casa circunda um pátio aberto com árvores, redes e espaços de convivência onde os jovens e crianças podem lá estar pelo simples prazer de compartilhar um lugar aprazível. A criação de espaços públicos que ampliem a possibilidade de convivência é fundamental para operar mudanças substantivas nos sujeitos, na vida cotidiana e nas relações pessoais. Um dos eixos fundamentais das políticas culturais, hoje, é (ou deveria ser, urgentemente) a criação de espaços públicos em sociedades dia a dia mais esgarçadas. Parece haver um pacto que se renova diariamente entre os habitantes da cidade, que muito tem a ver com a legitimidade que os moradores reconhecem na Fundação como eixo dessa pactuação.



FOTO 2 – Edição de Programa

Fonte: Fundação Casa Grande (2009).

Cultura e desenvolvimento

A Fundação Casa Grande é uma experiência emblemática para se pensar a ação cultural como o processo de ação conjunta que permite a construção de um nós comum, a

partir da constituição de sujeitos autônomos que passam a compor um coletivo fortalecido. A ideia é a de fortalecimento do indivíduo que retorna ao coletivo. Desenvolvimento humano em sentido amplo, que tem a cultura como eixo fundamental na medida em que ela amplia as possibilidades de eleição e, conseqüentemente, a liberdade. Como define o economista Amartya Sen (2000), a característica definidora do desenvolvimento é a expansão das liberdades substantivas que as pessoas desfrutam para escolher o tipo de vida que desejam levar, em que o foco está orientado nos agentes. Nessa perspectiva, a expansão da liberdade é o principal fim e o principal meio do desenvolvimento e a condição protagonista dos indivíduos, seu elemento básico. O desenvolvimento econômico é decorrência do desenvolvimento humano, não seu contrário.

Annamari Laaksonen e Pascual I Ruiz (2006) sublinham como a cultura pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento econômico local, facilmente verificável, mas, sobretudo, na transformação social e política, ou seja, no desenvolvimento de capacidades e nas diferentes dimensões da existência humana. Em outras palavras, a cultura é central para o desenvolvimento humano. Em sua diversidade dinâmica, a cultura amplia a consciência crítica, as possibilidades de escolha e, conseqüentemente, a liberdade. Tal entendimento está diretamente ligado à conceituação de desenvolvimento de Sen (2000) exposta acima. O desenvolvimento, portanto, inscreve-se na esfera individual voltada ao coletivo. Mais do que nunca, os fenômenos atuais requerem uma análise pessoal que só é alcançada pelo acesso e pela prática de atividades culturais, sugere Jordi Pascual I Ruiz (2007). Desenvolvimento humano é antes de tudo a possibilidade de eleger um modo de vida e ter as oportunidades e as ferramentas necessárias para poder empreender essa escolha e levá-la a cabo. Nas palavras de Pascual I Ruiz (2007, p.13):

Si la libertad y el desarrollo implican a la cultura, las instituciones públicas necesitan encontrar las leyes y las políticas culturales, y después los programas y proyectos, que puedan garantizar que todos los ciudadanos / habitantes de la ciudad pueden llegar con y a través de la cultura, a un desarrollo humano más completo.

A experiência da Fundação Casa Grande possibilita aos seus participantes alcançar esse desenvolvimento humano tal como expresso na citação acima. A experimentação de diferentes dimensões culturais e artísticas, quer como usuário, quer como criador, pode deflagrar processos individuais e coletivos de ampliação das perspectivas de vida. Inscreve-se, ainda, na pauta dos direitos culturais que, entre outros, assegura o direito de participar

ativamente na vida cultural, por meio da criação, da fruição e da divulgação dos bens culturais, direitos nem sempre garantidos.

Jon Hawkes (2007), pesquisador australiano, propõe refletir sobre as políticas públicas para o desenvolvimento, hoje, a partir de quatro pilares³: o pilar econômico, que se refere à criação da riqueza; o pilar social, responsável por distribuí-la; o pilar ecológico que vigia a responsabilidade sobre o meio ambiente e o pilar cultural, que garante uma convivência plural e sustentada. Segundo ele, sem uma consciência ativa dos valores que informam nossas ações, e sem processos claros, criativos e engajados que facilitem a expressão da comunidade e o debate sobre os valores que a embasam, a ação social é desenraizada, sem direção e, em última instância, contraprodutiva. A cultura, como terreno fértil a partir do qual se enraíza a vida social, é instância central para pensar o desenvolvimento. Os valores intrínsecos da cultura – memória, criatividade, conhecimento crítico, ritos, excelência, beleza, diversidade, entre outros – são percebidos como fundamentais para o desenvolvimento humano. Tal percepção recoloca o papel ativo que cabe à sociedade civil. Políticas unilaterais têm cada vez menos legitimidade. A criação de projetos coletivos, a construção de espaços públicos e democráticos - em que a diversidade cultural possa encontrar canais de expressão, em que a pluralidade de manifestações possa se mostrar, em que as diferenças e conflitos, parte constitutiva da cultura, possam se acomodar - exigem um novo olhar sobre o papel fundamental da cultura para a construção de sociedade efetivamente democrática. No âmbito do projeto democrático se coloca de maneira efetiva a questão da sociedade civil. Segundo Marco Aurélio Nogueira (2004, p.121):

A tendência atual não mais pensa a participação como o reverso da representação ou como veículo privilegiado da pressão popular, mas sim como expressão de práticas sociais democráticas interessadas em superar os gargalos da burocracia pública e em alcançar soluções positivas para os diferentes problemas comunitários.

O surgimento de uma multiplicidade de iniciativas que pipocam pelo país afora (ressalte-se que esse não é um fenômeno brasileiro), reflete a ação de indivíduos, grupos, associações e organizações na resolução de problemas locais, buscando superar os gargalos da burocracia pública, da insuficiência de verbas, mas, sobretudo, produzir uma ação enraizada e

³ Segundo Jordi Pascual I Ruiz (2007), Hawkes utiliza a idéia de quatro pilares baseada no triângulo do desenvolvimento sustentável – preocupação econômica + inclusão social + ecologia - desenvolvido na segunda metade da década de 1980, consolidado na década seguinte, e que continua a ser utilizado como modelo de análise e instrução pública para estratégias locais, nacionais e globais, como a Estratégia de Lisboa que fundamentou a União Européia.

organicamente vinculada ao grupo a partir de valores endógenos. A relação entre o Estado e a sociedade civil não pode mais ser pensada em termos dicotômicos.

Há uma nova relação se estabelecendo entre o Estado e a sociedade civil que determina outras parcerias entre indivíduos, grupos e associações, a iniciativa privada e o poder público, viabilizando a criação e operacionalização de projetos que surgem em comunidades muitas vezes à margem de políticas, financiamentos e patrocínios e que “cavam” diferentes formas de apoio. Autogestão e cogestão são ideias essenciais para pensar a relação entre essas esferas. A manutenção da autonomia de projetos surgidos para responder aos desejos e necessidades de um determinado grupo não pode ser ameaçada pela parceria com agentes diversos, seja em que nível for.

A Fundação Casa Grande, surgida sem apoio, quer do poder público, quer da iniciativa privada, à medida que vai se estruturando consegue estabelecer parcerias sem abrir mão de sua autonomia e de seus eixos fundadores. No portal aparecem as seguintes organizações parceiras: Fundação Araripe, Avina e Ashoka, definidas como parceiros para a mobilização; Banco do Nordeste e Sesc, parceiros para a circulação de espetáculos; Unesco, Ministério da Cultura e Fundação Kellog, parceiros para o fortalecimento pedagógico; BNDES e Governo do Estado do Ceará, parceiros para a Infraestrutura. Parceiros de peso que estabelecem parcerias em que há benefícios mútuos. Questão essencial: a percepção de que benefícios recíprocos podem viabilizar ações e projetos, sem que isso signifique ingerência de qualquer espécie. Ações da sociedade civil sustentam-se muitas vezes a partir do estabelecimento de parcerias que, de outra forma, impediriam o pleno desenvolvimento de projetos, sobretudo aqueles localizados fora dos eixos consagrados que se beneficiam dos financiamentos.

O antropólogo Hermano Vianna (2007), em um texto manifesto postado no site Overmundo, aponta como temos no Brasil uma cultura pulsante que acontece, sobretudo, fora dos circuitos consagrados:

Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo (VIANNA, 2007, p.1).

São facilmente encontráveis exemplos dessa ação que vem dos lugares não legitimados e que se expressam sem pedir licença e sem esperar que alguém lhes ceda a voz

para falar. As tecnologias de comunicação e informação facilitaram a ação desses grupos que apresentam propostas muitas vezes inovadoras. As políticas culturais cujo eixo é a democratização do acesso parecem não enxergar que não é mais essa a questão central a determiná-las; tais políticas devem funcionar, hoje, como canais ampliadores e amplificadores que viabilizem e incentivem a diversidade, a expressão da imensa diversidade que pulsa pelo país afora.

A Fundação Casa Grande é apenas um desses exemplos. Não se trata de levar uma cultura do centro para regiões que se imagina desprovidas de qualquer expressão. As pessoas estão abrindo seus canais de expressão; muitas vezes conquistando à força espaços para sua ação.

Teixeira Coelho (2007), em artigo que reflete sobre os valores que devem orientar as políticas culturais na atualidade, necessariamente pensadas a partir de uma perspectiva sistêmica - o que significa ver a cultura “como um conjunto de relações determinadas e precisas” -, sublinha que o recurso a tal sistema orientado para o desenvolvimento é determinante para que se criem as condições para o desenvolvimento humano, com sua consequência, que é o desenvolvimento econômico.

O desenvolvimento humano é um projeto individual, de desenvolvimento pessoal que retorna ao coletivo. Um coletivo fortalecido é composto de indivíduos autônomos, e a cultura é chave para que isso aconteça: a cultura amplia as possibilidades de escolha, a liberdade, que permite a convivência entre sujeitos, tanto melhor quanto mais espaços públicos forem construídos, em que a diversidade possa se expressar e o enfrentamento aberto das divergências advinda dessa diversidade gere projetos coletivos, estimulador da vida de todos.



FOTO 3 – Espaço de Compartilhamento

Fonte: Arquivo particular do autor: Marcelo Manéo de Oliveira

Referências

COELHO, Teixeira. Política cultural em nova chave. **Revista Observatório Itaú Cultural/OIC**, Sao Paulo, n.3, p.9-21, set./dez. 2007.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE. Disponível em: <<http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

HAWKES, Jon. **The fourth pillar of sustainability**: culture's essential role in public planning. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 26 nov. 2007.

LAAKSONEN, Annmari; PASCUAL I RUIZ, Jordi. **Local policies for cultural diversity**: study commissioned by the Division of Cultural Policies and Intercultural Dialogue of UNESCO to the Institute for Culture. Barcelona: Barcelona City Council, 20 Sept. 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. 2002. Disponível em: <<http://www.eduteka.org>>. Acesso em: 21 mar. 2009.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um Estado para a sociedade civil**. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. A cidade como experimentação. **Revista Observatório Itaú Cultural/OIC**, São Paulo, n.5, p.76-84, abr./jun. 2008.

PASCUAL I RUIZ, Jordi. Sobre la participación ciudadana en el desarrollo de políticas culturales locales en ciudades europeas. In: GUÍA para la participación ciudadana en el desarrollo de políticas culturales locales para ciudades europeas. Barcelona: Fundació Interarts_Barcelona; Asociación ECUMEST_Bucarest; Fundación Europea de la Cultura. Amsterdam, 2007.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Liliana Sousa e. **Indicadores para políticas de proximidade**: o caso Prêmio Cultura Viva . 2007. Tese (Doutorado) - ECA – USP, São Paulo, 2007.

VIANNA, Hermano. **Manifesto de Hermano**. 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2008.